

# MONS. MIGUEL DE OLIVEIRA

## NOTAS BIO-BIBLIOGRÁFICAS

Mons. Miguel Augusto de Oliveira nasceu a 15 de Dezembro de 1897, no lugar da Corga do Norte, freguesia de Válega, no concelho de Ovar, sendo o primogénito dos sete filhos de Jacinto de Oliveira e de Rosa Maria de Jesus.

Fez a instrução primária na freguesia natal com o prof. Domingos de Matos e Silva, obtendo distinção nos exames de 1.º e de 2.º grau, em 1907 e 1908. Tendo feito alguns exames como externo, entrou para o Seminário dos Carvalhos, a 16 de Janeiro de 1911.

Frequentou o Curso Teológico do Seminário do Porto, de 1914 a 1917, obtendo distinção em todos os anos e disciplinas. Enquanto esperava pela idade canónica para a ordenação sacerdotal, leccionou no Colégio Feirense no ano lectivo de 1917-1918, e no Colégio Ovarense, no de 1918-1919.

Nestes dois anos, foi convidado a frequentar a Universidade Gregoriana, de Roma, respectivamente, pelo Vigário Capitular, Cônego Teófilo Salomão Coelho Vieira de Seabra e pelo bispo D. António Barbosa Leão. Tendo pedido e obtido dispensa de ir para aquela Universidade, o prelado nomeou-o professor do Seminário de Preparatórios, que funcionava no Paço Episcopal da Torre da Marca.

Sendo ainda diácono, entrou em exercício a 3 de Fevereiro de 1920, leccionando ali, e depois no Seminário de Vilar, as disciplinas de Português, Francês e História.

Ordenado presbítero, na Sé do Porto, por D. António Barbosa Leão, a 18 de Julho de 1920, celebrou a Missa Nova na igreja de Válega logo no dia 25, festa do Sagrado Coração de Jesus, pregando o seu antigo professor P. Manuel Pinheiro de Sousa.



No fim do ano lectivo de 1925, fez uma viagem à Palestina e, ao regressar, foi convidado para Chefe da redacção das «*Novidades*», cargo de que tomou posse a 22 de Outubro desse ano, tendo, por isso, de deixar o Seminário do Porto.

Uma longa série de crónicas publicadas nas «*Novidades*», sob o título «*Impressões do Oriente*», a descrever a viagem à Palestina, despertou tanto interesse que, em 1927, se efectuou uma excursão de um numeroso grupo à Terra Santa, incorporado numa peregrinação francesa. Mons. Miguel de Oliveira acompanhou o grupo, visitando então a França, Egipto, Palestina, Síria, Líbano, Turquia, Grécia, Itália e algumas ilhas do Mediterrâneo.

Em 1932, deixou o lugar de Chefe de redacção das «*Novidades*» para ficar como censor literário da secção editorial da União Gráfica, a que votou o melhor da sua actividade. Continuou, porém, como redactor do jornal, dedicando-se, ao mesmo tempo, a colaborar noutras publicações e a escrever notáveis trabalhos históricos.

Ao celebrar as bodas de prata sacerdotais, em Julho de 1945, o Chefe de Estado condecorou-o com o grau de Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada.

A 4 de Julho de 1951, foi eleito sócio correspondente da Academia Portuguesa da História e passou a académico de número a 27 de Abril de 1956, sucedendo na cadeira n.º 16 ao Coronel Henrique de Campos Ferreira de Lima, cujo elogio fez nesta data. Em resposta, o Dr. Manuel Múrias fez o elogio do novo académico (1).

A 1 de Junho de 1954, Pio XII nomeou-o seu prelado doméstico com o título de Monsenhor.

Não obstante o seu precário estado de saúde se ir agravando nos últimos anos, manteve sempre a costumada jovialidade e só deixou de trabalhar quando os sofrimentos o obrigaram a recolher ao leito, poucos dias antes da morte. Sobreveio esta às 22,30 horas do dia 28 de Fevereiro de 1968, pouco depois de lhe terem sido administrados os últimos sacramentos pelo Rev.º Sr. P. Saraiva, prior de S. José da Anunciada e seu íntimo amigo.

A sua morte foi muito sentida em todo o país, sobretudo no meio eclesiástico, onde era muito estimado pelo seu carácter, vasta cultura e acrisoladas virtudes sacerdotais.

No dia 29, o seu corpo foi trasladado para a igreja de S. José da Anunciada, onde celebrava habitualmente. Para orar pela sua alma e lhe prestarem as últimas homenagens, ali compareceram pessoas de todas as categorias sociais, além da família e dos dirigentes e colaboradores das *Novidades* e União Gráfica.

Às 12,30, compareceu o Sr. Cardeal-Patriarca, que orou junto da urna. Durante o dia celebraram-se várias missas de sufrágio, a última das quais pelo Sr. D. António dos Reis Rodrigues, bispo titular de Predarsuma.

Às 4 da madrugada do dia 1 de Março, depois de todos os presentes terem dialogado o terço com o Rev.º Pároco da freguesia, o funeral saiu para a terra natal do ilustre defunto, chegando pelas 10 h. a Estarreja, onde se incorporaram no cortejo fúnebre mais de cem automóveis.

Às 10,40 chegou à igreja de Vãlega, sendo a urna transportada por 6 sacer-

(1) Academia Portuguesa da História, *Elogio do Cor. Henrique de Campos Ferreira Lima*, Lisboa, 1956. pp. 37-42.

dotes, enquanto 14 cantavam o salmo *Miserere*. Seguiram-se o ofício e missa presididos pelo Snr. D. Florentino de Andrade e Silva, Administrador Apostólico da Diocese do Porto.

Além de muito povo, assistiram ao funeral diversas individualidades, entre as quais os Presidentes das Câmaras Municipais de Ovar e de Estarreja e Mons. Avelino Gonçalves, que representava o Snr. Cardeal-Patriarca, as *Novidades* e a União Gráfica.

O funeral constituiu uma grande manifestação de pesar dos conterrâneos de Mons. Miguel de Oliveira, o que não admira, porque ele foi sempre um grande amigo da sua terra, por cujo progresso muito se interessou, tomando até iniciativas que levaram a criar a Comissão dos Melhoramentos de Válega. Este bairrismo estendia-se também ao seu concelho — Ovar, tomando parte em todas as manifestações promovidas em Lisboa por pessoas daquele concelho, a que dedicou vários estudos, o último dos quais — *Ovar na Idade Médica* — foi o derradeiro trabalho publicado pelo erudito historiador.

Para melhor se apreciar a personalidade do ilustre homenageado, passo a focar algumas das principais facetas da sua exemplar e operosa vida.

## O SACERDOTE

Durante a peste de 1918-1919, Miguel de Oliveira, sendo ainda simples ministro, prestou dedicada assistência aos doentes da sua terra, que morreram às dezenas.

Começou assim a dar, bem cedo, provas do interesse pelo bem das almas e do amor à Igreja que o haviam de nortear em todos os trabalhos da sua vida. Não teve outra finalidade o escrúpulo com que desempenhou o múnus de censor literário e eclesiástico da secção editorial da União Gráfica, ao traduzir, ordenar e orientar as edições.

E de autêntico apostolado se deve classificar a colaboração que deu, durante cerca de 25 anos, para os 40 volumes da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, escrevendo milhares de artigos sobre personagens e temas religiosos. Tão longa e continuada colaboração, que o obrigava a fazer vários artigos por mês, esgotou-o e, segundo me afirmou, obrigou-se a tão árduo trabalho para evitar que estes artigos fossem confiados a um padre que tinha passado para os protestantes, o pastor Moreira.

Que admirável lição de amor e de defesa da ortodoxia nos dá Mons. Miguel de Oliveira nestes tempos de tanta confusão e contestação até em matéria dogmática!

O mesmo se poderia dizer dos seus restantes trabalhos, porque, segundo Mons. Moreira das Neves, seu íntimo Amigo e companheiro nas «*Novidades*», durante mais de 35 anos, Mons. Miguel de Oliveira foi «*uma das figuras mais notáveis do clero português do nosso tempo, quer pela sua inteligência e pela sua cultura, quer pelas suas acrisoladas virtudes sacerdotais.*

*Para nós, desaparece um queridíssimo companheiro, que, durante tantos anos, nunca nos faltou com as lições do seu saber e a lealdade dos seus conselhos.*

*Mons. Miguel de Oliveira foi, efectivamente, um sacerdote digníssimo, para quem o estudo, as lides históricas, o trabalho de investigador, o jornalismo, em que foi mestre, mais não foram do que formas do exercício do seu sacerdócio, do apostolado intelectual e moral a que o impelia a sua devoção de homem de Deus ao serviço dos homens» (2).*

(2) «*Novidades*», de 29 de Fevereiro de 1968.

E, não obstante o prestígio que justamente tinha no meio eclesiástico pela sua cultura e pelos cargos que desempenhava, a sua atitude na igreja era a de um sacerdote humilde e piedoso. Neste aspecto é muito elucidativo o testemunho do Rev.º Dr. Fr. Videira Pires, que dedicou ao ilustre finado uma das suas habituais e muito apreciadas crónicas, publicadas nas *Novidades*, a seguir transcrita:

### «Poeira da Cidade

*Requiem por um Amigo*

*Levou Deus Monsenhor Miguel de Oliveira. A sua vida era já uma chama batida pelo vento do além.*

*Da última vez que o encontrei, íamos ambos a sair deste jornal. Aquilo já quase nem era andar; arrastava-se. Mas o sorriso da sua íntima riqueza espiritual que sempre lhe conheci, a afirmação exercida de quem estava com Deus, era o mesmo.*

*Deixei-o à porta da sua casa, que me ofereceu, com a amizade dum padre que se abre toda. Como da primeira vez que pessoalmente o encontrei. Ali, na igreja de S. José.*

*Entreí, padre desconhecido, imaginava eu, para dizer a missa diária.*

*Aproximou-se e, tão habituado andava a ver o seu retrato, que logo o reconheci. Ajudou-me a paramentar, como se fora o sacristão do templo, a mim, que era uma criança ao pé dele. Depois, foi comigo para o altar e fez questão em ajudar-me à missa. O menino de coro mais exemplar não o faria com mais candura que ele. E muito menos com o seu recolhimento e simplicidade.*

*Conheço todas as páginas da sua obra, tão exigentemente crítica. Para mim, são, porém, estas nadadas, estas folhas abandonadas, que definem um homem, o padre que ele era em tudo.*

*Algumas vezes me falou destas croniquelhas. Não lerá esta. Mas a missa que por ele vou dizer, mesmo que não o tenha já a ajudar-me, irá junto dele, levar-lhe a graça, que o Senhor lhe manda pelas minhas mãos.*

V. P.» (3)

Finalmente, o seu amor à Igreja e ao Papa está bem expresso nas seguintes palavras com que abriu a carta que me enviou, a 3 de Maio de 1967, a dar a boa nova da vinda de Paulo VI a Fátima:

«O Papa em Fátima! Exultemos com a grande notícia de hoje!»

### O ORADOR E CONFERENCISTA

Mons. Miguel de Oliveira dedicou-se activamente à oratória sacra, enquanto esteve no Porto. Só no último ano em que foi professor do Seminário pregou cerca de duzentos sermões.

(3) «*Novidades*», 2 de Março de 1968.

Depois da sua vinda para Lisboa entregou-se menos à pregação, mas falou em algumas grandes solenidades, como na festa de Nossa Senhora das Dores, nos Congregados do Porto, cujo sermão fez nos anos de 1931, 1933, 1936 e 1941. O sermão de 1931 foi o primeiro que em Portugal se transmitiu pela radiotelefonía.

Tinha sido também o P. Miguel de Oliveira que, em 1930, inaugurou em Portugal as palestras religiosas pela T. S. F. De 1935 a 1939, essas palestras realizaram-se regularmente ao microfone da Emissora Nacional, de 15 em 15 dias, falando alternadamente o P. Miguel de Oliveira e o P. Moreira das Neves, actual chefe de redacção das «Novidades».

Fez também diversas conferências: na Associação Católica do Porto, em comemoração do VII Centenário da morte de Santo António (1931); nas semanas litúrgicas de Lisboa e de Santo Tirso (1932); no Congresso do Mundo Português (1940); na exposição «Cristo na Arte», realizada no Porto em 1954; no 1.º Congresso Nacional dos Religiosos (1958); na Academia Portuguesa da História.

Na bibliografia indicam-se os títulos e edições destas conferências.

## O JORNALISTA E ESCRITOR

A sua estreia como jornalista fez-se com uma secção de poesias no «Progresso da Feira», quando esteve professor no Colégio Feirense, em 1917-1918.

De 1920 a 1925, colaborou no semanário diocesano do Porto, «A Voz do Pastor», com trabalhos apologeticos e de informação do ~~da~~ religioso no estrangeiro.

De 1921 a 1923, escreveu várias crónicas no «Concelho de Estorreja», de Pardilhó, onde publicou em folhetim o primeiro esboço da monografia de Válega com o título *Válega — Memória histórica e descritiva*.

Com os Revs. PP. Lopes da Cruz e Raul Machado organizou o *Anuário Católico de Portugal* para os anos de 1931 a 1933, e foi colaborador efectivo da illustração católica *Renascença* nos dois primeiros anos da sua publicação, em 1931 e 1932.

Em Janeiro de 1953, iniciou um boletim mensal denominado *Seleccção documental*, que se publicou durante treze anos, até 1965, em volumes de 192 pp. por ano, o que totaliza 2.496 pp.

Mons. Miguel de Oliveira foi o director e editor deste boletim, cuja finalidade indicou no primeiro número, escrevendo:

Seleccionar os documentos «de interesse mais geral e reuni-los em colectânea acessível a toda a gente, sem luxos editoriais mas também sem descuido na fidelidade aos textos (...).

Entre os documentos, arquivaremos apenas os que interessam a todas as classes ao menos medianamente cultas (...). Esta publicação só pretende ser útil e prática.»

Deixei propositamente para o fim a referência à sua actividade jornalística nas «Novidades», onde foi chefe de redacção de 1925 a 1932, acumulando desde então as funções de censor literário e eclesiástico da secção editorial da União Gráfica com as de redactor do mesmo jornal. Aqui publicou dezenas de crónicas de viagem, várias séries de artigos de assuntos filológicos e secções de «Ecos e comentários» sobre temas correntes, além de alguns dos seus trabalhos, como a conferência sobre Santo António, a polémica com Alfredo Pimenta a propósito da sua *História da Igreja*, a *Epigrafiografia cristã*, etc.

Sobre a notável acção de Mons. Miguel de Oliveira nas «Novidades» e o seu mérito como escritor dou a palavra ao Snr. Dr. José Maria de Almeida, que nelas escreveu.

### «Evocação e saudade

*Em Outubro de 1926, ao entrar pela primeira vez, na redacção das «Novidades», na Rua Garrett, 27, 2.º, a pessoa que me recebeu, com uma afabilidade encantadora, foi o Padre Miguel de Oliveira, ao tempo chefe da redacção do jornal.*

*Nesta qualidade me lera ele, antes, os escritos com que, da Guarda, eu vinha colaborando no diário católico, ainda há pouco reaparecido, e ao qual dera o entusiasmo e o fogo da minha juventude.*

*Não éramos, pois, dois desconhecidos ao apresentarmo-nos, um ao outro, naquela distante tarde outoníca de 1926, quando fui integrado no corpo redaccional das «Novidades», ao mesmo tempo que me matriculava na Faculdade de Direito.*

*A rara e inconfundível personalidade do Padre Miguel foi-se depois revelando, no trato quotidiano da redacção: a sua viva e penetrante inteligência, a sua já vasta cultura, a prudência e o tacto com que tratava os redactores, o escrúpulo e a seriedade que punha e exigia em tudo quanto houvesse de ser publicad, a pontualidade e método de trabalho, a isenção material da vida e a alta espiritualidade. A sua missão sacerdotal eram atributos que o impunham a quantos tiveram o prazer do seu convívio profissional ou de relações sociais.*

*Em 1926, Mons. Miguel de Oliveira, ainda não encanecido, vigoroso e saudável, pela sua estatura de meridional e sua mocidade de espírito, mais parecia um jovem seminarista, a despeito dos seus 27 anos, do que um homem maduro e grave, que o era, quando os assuntos a tratar eram sérios e de responsabilidade.*

*Foi sempre igual a si mesmo durante as quatro dezenas de anos em que lidámos, e aquelas qualidades de honestidade jornalística que o distinguiam em 1926 foram as mesmas que depois conservou e aprimorou ao encetar a sua benemérita carreira de historiador da Igreja, — historiador objectivo, sereno, imparcial, escrupuloso, documentado e, como ornamento precioso, prosador terso, elegante, de beleza clássica, o que torna os seus trabalhos duplamente valiosos — pela cultura e pela linguagem.*

*As palmas académicas assentavam bem no peito do virtuoso sacerdote, que sempre soube honrar a Cultura Portuguesa.*

*Mons. Miguel de Oliveira abriu uma clareira nas fileiras do clero português com o seu falecimento, clareira difícil de cobrir, porque a personalidade do querido e saudoso Morto, tão rica e opulenta, como sacerdote, jornalista e escritor, não é fácil de substituir.*

*Paz à sua alma.*

José Maria de Almeida» (4)

(4) «Novidades», 1 de Março de 1968.

Na bibliografia indicam-se outras publicações em que Mons. Miguel de Oliveira colaborou.

## O HISTORIADOR

Pode, por certo, dizer-se que a vocação de historiador lhe vem dos bancos do Seminário, porque o seu primeiro trabalho histórico «*Válega — Memória histórica e descritiva*» foi publicado em 1921-1923, quando professor de História no Seminário do Porto.

As funções de que foi posteriormente incumbido, sobretudo as de Chefe de redacção das «*Novidades*» e de Censor literário da secção editorial da União Gráfica, provocaram uma interrupção nos seus trabalhos históricos, que só recommençaram em 1935.

A partir desta data, publica quase anualmente estudos históricos em pequenas monografias uns, em livros de maior fôlego outros, mas todos eles de grande interesse. Sejam fruto de investigação directa das fontes ou resultado de profunda meditação e crítica objectiva sobre o que outros tinham escrito, os seus estudos, originais ou sínteses, primam pela clarividência e rigor científico e dão frequentemente uma nova visão dos problemas debatidos.

É mérito incontestável do Autor ter aberto novos horizontes a outros investigadores e ter evitado que, em certos casos, se deturpasse a verdade. Sirvam de exemplo para a primeira afirmação os seus trabalhos *Dias da semana em português* e *Origens da Ordem de Cister em Portugal*.

Quando M. de Paiva Boléo e Wilhelm Giese, professores, respectivamente, das Universidades de Coimbra e de Hamburgo, discutiam a origem da nomenclatura peculiar dos dias da semana em português, atribuindo-a o primeiro a influência cristã e o segundo a influência árabe, no que foi secundado por J. Pedro Machado, Mons. Miguel de Oliveira, com o seu referido trabalho, ampliado depois em *A heremonimia portuguesa*, trouxe novos dados que demonstraram ser a nomenclatura portuguesa — «simples versão da eclesiástica.»

*Origens da Ordem de Cister em Portugal*, além de corrigir erros inveterados (5), deu nova orientação aos trabalhos do cisterciense francês Dom Maur Cocheril, quando este veio pela primeira vez a Portugal, em 1952, com o fim de estudar e microfilmear os fragmentos medievais de música, que eu tinha encontrado. A leitura daquele opúsculo de Mons. Miguel de Oliveira despertou-lhe tal interesse pelo estudo da Ordem de Cister na Península Hispânica que hoje é o melhor especialista na matéria, sobre que tem publicado muitos e valiosos trabalhos (6).

Em apoio da segunda afirmação, lembro que era para Mons. Miguel de Oliveira que a Nunciatura e o Patriarcado dirigiam todos os pedidos de informações históricas vindos do estrangeiro. As suas eruditas respostas evitaram que, em certos meios, se repetissem erros crassos sobre a nossa História ou nos considerassem uma província de

(5) «Talvez se não conheça um opúsculo tão pequeno em volume, diz Manuel Múrias, em que se condensam tantas e tão importantes emendas às fantasias de certa maneira de fazer história, que foi costume empregar em certos dias do século XVII». (*Elogio do Cor. H. C. F. Lima*, pág. 42).

(6) Cito apenas *Etudes sur le Monachisme en Espagne et au Portugal*, Paris — Lisboa, 1966, em que o Autor refunde vários estudos anteriores.

Espanha. Dentro deste critério está a colaboração dada às enciclopédias alemãs *Lexikon der Marienkunden* e *Lexikon für Theologie und Kirche*.

Os seus trabalhos históricos foram bem recebidos e muito apreciados, e seguidas, em geral, as suas sugestões, menos a de *Ourique em Espanha*.

Na Hagiografia nota-se, por vezes, certo hipercriticismo, como reacção contra tradições inconsistentes, mas muito arreigadas. Está neste caso, julgo eu, *Santa Iria e Santarém*, em que nega a existência de uma santa local, Santa Irene (ou Iria), donde derivaria o nome *Santarém*.

Tendo de rever o problema para a obra *Fátima — História e Missão*, manifestei-lhe, por lealdade e amizade, a minha discordância. Em carta de 24 de Novembro de 1967 (A última que dele recebi!), insiste: «*Eu não admito que em «Santarém» se oculte o nome de uma santa. Chamo-lhe um falso hagiopónimo. Considero que a santa local resultou de uma falsa interpretação do nome da cidade.*»

Espero demonstrar que Santa Irene já era conhecida entre nós antes de a cidade de Santarém ter este nome.

A propósito do seu estudo sobre os Mártires de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia, escrevi-lhe a 19 de Junho de 1964: «*Agradeço o seu livro *Lenda e História*, que apreciei como todos os seus outros trabalhos. Acho, contudo, um pouco forte a crítica aos santos Mártires de Lisboa, sobretudo por ter aludido ao caso da inscrição de Máxima e Júlia.*»

É que, daqui em diante, não obstante as reservas que V. Rev.<sup>a</sup> lhe põe, vão dizer que V. Rev.<sup>a</sup> afirmou que os Mártires de Lisboa não passam da cristianização dos nomes dessa inscrição.»

Respondeu-me logo no dia seguinte a dizer: «*Realmente os Santos Mártires de Lisboa talvez fossem um pouco desfavorecidos no meu livro. Como tinha sido demasiado afirmativo na primeira redacção (7), é possível que me haja excedido ao procurar atenuá-la. Quanto à inscrição, pareceu-me que não devia ignorar o artigo da «Revista Municipal», manifestando embora o meu desacordo.*»

*A opinião que tenho a respeito desses Mártires é que eles não são de autenticidade segura. Mas isto pode exprimir-se de várias maneiras...».*

Não pretendia, por conseguinte, negar redondamente a sua existência, como poderá deprender-se duma leitura apressada do artigo.



Na impossibilidade de apreciar individualmente os numerosos trabalhos históricos adiante indicados na bibliografia, vou limitar-me a dois — *Paróquias rurais portuguesas* e *História eclesiástica de Portugal*.

O primeiro, inicialmente publicado na *Revista de Guimarães*, foi objecto de uma crítica do Prof. Torquato de Sousa Soares, que lhe fez certos reparos, reconhecendo, não obstante, que, «por versar tão difícil e obscuro capítulo da nossa história económico-jurídica, só louvores merece o Padre Miguel de Oliveira» (8).

Aproveitando os reparos e sugestões do Crítico, o Autor reviu o problema, não

(7) Em «*Letras e Artes*» de «*Novidades*», 30 de Setembro e 7 de Outubro de 1945.

(8) *Revista Portuguesa de História*, II, 1943, 460-468.

se poupando a esforços (para obter bibliografia especializada e esgotada teve até de publicar anúncios na imprensa francesa!).

A nova redacção do trabalho, aparecida em 1950, suscitou geral interesse e admiração e o Prof. Torquato Soares passou a convidar Mons. Miguel de Oliveira para colaborador de diversos volumes da *Rev. Port. de História*. É trabalho fundamental para a nossa História Medieval, embora os recentes estudos do prof. G. Martínez Díez obriguem, talvez, a introduzir certos retoques de pormenor.

A melhor obra, como trabalho crítico de síntese, é a *História Eclesiástica de Portugal*, cuja 4.ª edição saiu em 1968.

Esta obra mereceu o Prémio «Alexandre Herculano» de História e os mais rasgados elogios dos críticos nacionais e estrangeiros. Com que admiração se referia a ela o sábio medievista Padre Pierre David!

O que penso dela já o disse em *Letras e Artes* de 22 de Janeiro de 1956 e espero voltar a fazê-lo mais em pormenor num manual de História da Igreja em Portugal, que tenho em preparação.

Julgo, todavia, que não se pode desejar melhor crítica do que a que lhe fez o ilustre historiador espanhol Mons. dr. José Vives. Como homenagem a Mons. Miguel de Oliveira, publico os passos principais da referida crítica e na língua original para não atraiçoar o pensamento do seu Autor:

*«Hay que saludar con gozo la tercera edición de este excelente manual de Historia eclesiástica que podemos envidiar los españoles, por no tener una obra parecida para nuestros seminarios, que han de limitarse por lo regular a una historia general de la Iglesia en la que está representada en muy pequeña parte la de nuestra patria.*

*Aunque con las características de un manual, la obra ha sido redactada con metodología estrictamente científica, abundando las notas a pie de página con referencias a las más recientes y valiosas obras históricas, de las que se aprovechan los resultados de crítica moderna. Un escollo en que chocan no pocos de nuestros manuales es el temor de enfrentarse con tradiciones seculares más o menos legendarias que históricamente ya no son defendibles. Oliveira sabe tratar con discreción y al mismo tiempo que con firmeza estas leyendas. En primer lugar expone con claridad lo que la documentación estrictamente histórica permite afirmar sobre el fondo de cada narración antigua. Después expone asimismo lo que la tradición o la leyenda ha añadido a la misma narración o los elementos con que la ha coloreado, cuidando de señalar con precisión cómo y cuándo aparecen dichos elementos tradicionales o legendarios por primera vez, para que cada lector por su cuenta pueda enjuiciar su valor histórico, sin que él se entretenga ni en defender su historicidad ni en combatirla.*

*El plan de presentación de la materia está perfectamente adecuado a lo que Portugal representa en la península ibérica...*

*...De gran utilidad los apéndices, con la cronología de los papas, de los reyes de Portugal, de los Nuncios apostólicos y, sobre todo, con los catálogos episcopales no sólo del Portugal sino también de todos los países de Oriente, África y América que han sido o siguen siendo colonias portuguesas» (9).*

(9) *Hispania Sacra*, XII, Madrid, 1959, 321-322.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — *Válega — Memória histórica e descritiva*. Vol. de VIII + 428 páginas, publicado em folhetins coleccionáveis do semanário «O Concelho de Estarreja»; Pardilhó, Maio de 1921 a Setembro de 1923.
- 2 — *Santo António, Doutor da simplicidade*, Conferência proferida na comemoração do VII Centenário da sua morte, na Associação Católica do Porto, em 1931, e publicada em «Novidades».
- 3 — *A Vida Litúrgica da Diocese*, em *Actas da Semana Litúrgica de Lisboa* (13-20 de Fevereiro de 1932).
- 4 — *O Esplendor da Igreja Paroquial*, em «Semana Litúrgica da Diocese do Porto, em Santo Tirso» (7-15 de Agosto de 1932).
- 5 — *A Vila de Ovar — Subsídios para a sua história até o século XVI*, em «*Arq. Dist. de Aveiro*». Vol. I (1935), 241-248; II, 21-27, 111-118, 309-315; III, 125-132; IV, 61-69; VIII, 66-74.
- 6 — *Privilégios do Barqueiro de Esgueira, Ib.*, vol. I (1935), 153-154.
- 7 — *Inquirições de D. Afonso II na Terra de Santa Maria, Ib.*, vol. II (1936), 71-74.
- 8 — *Passais da igreja de Salreu no ano de 1076, Ib.*, vol. II (1936), 129-130.
- 9 — *O Breviário dum pároco de Avanca no século XII, Ib.*, vol. II (1936), 217-220.
- 10 — *Nossa Senhora de Entráguas, Ib.*, vol. II, 260-264.
- 11 — *S. João de Ver nos documentos do «Livro Preto» da Sé de Coimbra, Ib.*, vol. III (1937), 101-104.
- 12 — *Talábriga, Ib.*, vol. IV (1938), 117-120.
- 13 — *Piratas argelinos na praia de Esmoriz há 200 anos, Ib.*, vol. IV (1938), 139-140.
- 14 — *História da Igreja*. União Gráfica, Lisboa, 1938; 2.<sup>a</sup> edição, 1942; 3.<sup>a</sup> ed., 1952; 4.<sup>a</sup> ed., 1959.
- 15 — *História da Igreja — Resposta a um crítico ou Crítica duma resposta*. Lisboa, 1938.
- 16 — *Factores religiosos da Independência de Portugal*, em «Congresso do Mundo Português — Publicações», II volume, 1940, 73-97.
- 17 — *As Paróquias Rurais Portuguesas — Sua origem e formação*. União Gráfica, Lisboa, 1950. O primeiro esboço foi publicado com o mesmo título na «*Revista de Guimarães*», vol. especial comemorativo dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal, 1940.
- 18 — *História Eclesiástica de Portugal*. União Gráfica, Lisboa, 1940 (Prémio «Alexandre Herculano» de História, em concurso literário promovido pelo S. P. N.); 2.<sup>a</sup> edição, 1948; 3.<sup>a</sup> ed., 1958; 4.<sup>a</sup> ed., 1968.
- 19 — *A Padroeira de Portugal — Notas e documentos*. Em colaboração com P.<sup>o</sup> Moreira das Neves. Lisboa, 1940.
- 20 — *Igrejas na Terra de Santa Maria, no ano de 1320*, em «*A. D. A.*», vol. VI (1940), 284-288.
- 21 — *Epigrafia cristã em Portugal*. Lisboa, 1941.
- 22 — *Os dias da semana em português*. No semanário literário «Acção», de Lisboa, n.º 8, 12 de Junho de 1941; transcrito em «Dom Casmurro», do Rio de Janeiro, 16 de Agosto de 1941. Retomado o tema em *A hemeronímia portuguesa*, controversia com o Dr. José Pedro Machado na «*Revista de Portugal*», ano I (1942).

- 23 — *O Mosteiro de Cucujães e o seu fundador*, em «A. D. A.», vol. VIII (1942), 12-15. Reproduzido no livro *Ourique em Espanha*.
- 24 — *De Talábriga a Lancóbriga pela via militar romana*, *Ib.*, vol. IX (1943), 44-68, e separata.
- 25 — *Cortegaça e a «Ribeirinha»*, *Ib.*, vol. IX (1943), 266-272, e separata.
- 26 — «*Foral da Terra de Ouar...*», traslado, *Ib.*, vol. IX (1943), 306-316.
- 27 — *Concordata e Acordo Missionário de sete de Maio de 1940*. Prefácio do volume «Portugal e a Santa Sé», editado pelo S. P. N., 1943, 123 pp.
- 28 — *D. Odório Bispo de Viseu*. Controvérsia com o Bispo de Viseu, D. José da Cruz Moreira Pinto, sobre a data da restauração desta Diocese. Em «*Letras e Artes*» de «*Novidades*», 27 de Agosto, 24 de Setembro e 8 de Outubro de 1944.
- 29 — *Ourique em Espanha — Nova solução de um velho problema*. Pro Domo, Lisboa, 1944. 139 pp. e 1 mapa.
- 30 — *Curiosidades históricas — O «cimitério» de D. Pedro Pitões*. Em «*Letras e Artes*» de «*Novidades*», 16 Setembro 1945.
- 31 — *A campanha de entre Douro e Vougu na segunda invasão francesa*, em «A. D. A.», vol. XI (1945), 161-173, e separata.
- 32 — *Como nasceu a Diocese de Portalegre*. No semanário «O Distrito de Portalegre», homenagem a D. Domingos Maria Frutuoso, 2 de Fevereiro de 1946.
- 33 — *Quando foi eleito D. Gilberto, Bispo de Lisboa?* Em «*Letras e Artes*» de «*Novidades*», 6 de Julho de 1947.
- 34 — *A palavra Lisboa — História, lenda e fantasia*. Em «*Letras e Artes*» de «*Novidades*», 8 de Maio de 1949.
- 35 — *Dom Afonso Henriques e a vingança do sarraceno — Breves anotações a um livro do sr. Tomás da Fonseca* («Dom Afonso Henriques e a fundação da nacionalidade portuguesa»). Em «*Letras e Artes*» de «*Novidades*», de 4 de Setembro de 1949.
- 36 — *S. Martinho de Dume e a conversão dos Suevos*. Separata da revista «*Lumen*», Nov. 1950. Incluído no vol. *Lenda e História*.
- 37 — *Privilégios do Cabido da Sé Patriarcal de Lisboa*. Publicação comemorativa do 2.º centenário da morte de el-rei D. João V. União Gráfica, Lisboa, 1950. O texto foi inserto sem os documentos na revista «*Lumen*».
- 38 — *Pedras e Almas — O Seminário do Porto*. Em «*Letras e Artes*» de «*Novidades*», 9 de Setembro de 1951.
- 39 — *Origens da Ordem de Cister em Portugal*. Separata da «*Revista Portuguesa de História*», tomo V (1951), só divulgada em 1955.
- 40 — *A oração pelo rei na tradição litúrgica portuguesa*, na revista «*Lumen*», Julho de 1952. Nota complementar: *A peroração «Et famulos tuos»*, em «*Letras e Artes*» de «*Novidades*», 15 de Junho de 1958, e em «*Seleccção Documental*», ano VI, n.º 33, Maio e Junho de 1958.
- 41 — *Santa Joana — A princesa coroada de espinhos*, em «A. D. A.», vol. XVIII (1952), 97-106, e separata.
- 42 — *S. Bernardo e D. Afonso Henriques*. Artigo publicado no «*Jornal do Comércio*», número comemorativo do Centenário, e transcrito em «*Letras e Artes*», de «*Novidades*», 25 de Outubro de 1953.

- 43 — *Os Próprios Litúrgicos de Portugal*. Comunicação à Academia Portuguesa da História, nos «Anais», II série, vol. 4 (1953), 159-173. Incluído no vol. *Lenda e História*.
- 44 — *Notícia histórica e geográfica da Diocese de Lamego*, em «Constituições Sinodais da Diocese de Lamego» impressas em 1954; pp. 701-709 e 719-722.
- 45 — *O Cristo dos que choram*. Conferência proferida no Porto, em 12 de Agosto de 1954, na exposição «Cristo na Arte». Publicada em «Documentos e Memórias para a história do Porto», vol. XXVII, e separata, 1955.
- 46 — *S. Bernardo e a Conquista de Lisboa*. Separata da «Revista Portuguesa de História», tomo VI, Coimbra 1955.
- 47 — *Santa Maria titular das Catedrais portuguesas*. Anotações ao livro «As Catedrais portuguesas e a dedicação a Santa Maria», de Sebastião Martins dos Reis, em «Letras e Artes» de «Novidades», 13 Novembro de 1955.
- 48 — *Elogio do Cor. Henrique de Campos Ferreira Lima*, proferido na Academia Portuguesa da História, em 27 de Abril de 1956. Edição da Academia.
- 49 — *A Milícia de Évora e a Ordem de Calatrava*.
- 50 — *Os territórios Diocesanos (Como passou para o Porto a Terra de Santa Maria)*. Estes dois trabalhos, publicados na revista «Lusitania Sacra», tomo I, saíram em separata sob o título comum de *Estudos de História Eclesiástica*, Lisboa 1956.
- 51 — *O Púlpito em Portugal — Como lhe fez a história um «professor de polémica»*. Notas críticas ao livro «Crisóstomo Português», de Eduardo Moreira, em «Novidades», 26 de Maio de 1957.
- 52 — *As Ordens religiosas e a Cultura portuguesa*. Conferência no 1.º Congresso Nacional de Religiosos, em «Letras e Artes» de «Novidades», 13 de Abril de 1958, e «Seleção Documental», ano VI, n.º 332, Março e Abril de 1958.
- 53 — *Lendas Apostólicas Peninsulares*. Separata da revista «Lusitania Sacra», tomo IV, 1959. Incluído no vol. *Lenda e História*.
- 54 — *O Senhorio da Cidade do Porto e as primeiras questões com os Bispos*. Separata da revista «Lusitania Sacra», tomo IV, Lisboa 1959.
- 55 — *A presença de Portugal em Concílios ecuménicos*. Em «Seleção Documental», ano X, n.º 59, Setembro e Outubro de 1962.
- 56 — *Os Bispos Senhores da Cidade: I — De D. Hugo a D. Martinho Rodrigues (1112-1235)*. Na «História da Cidade do Porto», vol. I, 159-183, com gravuras; Portucalense Editora, 1962.
- 57 — *O ensino do Catecismo em Portugal — Notas para a sua história*. Em «Seleção Documental», ano X, n.º 58, Julho e Agosto de 1962.
- 58 — R. de Azevedo, *O Compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente*, em «Lusitania Sacra», VI (1962-63), 7-21. *Tentativa de reconstituição do texto latino*, por M. O., *ib.*, 21-23.
- 59 — *Livros Litúrgicos de Évora*. Separata da revista «Lusitania Sacra», tomo VI, Lisboa 1963.
- 60 — *Santa Iria e Santarém*. Separata da «Revista Portuguesa de História», tomo VII, Coimbra 1963. Incluído no volume *Lenda e História*.
- 61 — *D. António Barroso*. Na obra colectiva «Os Grandes Portugueses», vol. II, 1963; reproduzido em «Seleção Documental», ano XII, n.º 70, Julho e Agosto de 1964.
- 62 — *Lenda e História — Estudos hagiográficos*. União Gráfica, Lisboa, 1964. Coleção

refundida de artigos publicados em revistas e suplementos literários. Cfr. n.º 36, 53, 60.

- 63 — *Edições portuguesas do Missal Romano*. Na revista «Lumen», vol. XXX (1966), 837-846.
- 64 — *Inquirições de D. Afonso III na Terra de Santa Maria*. Separata da revista «Lusitania Sacra», tomo VII, Lisboa, 1966.
- 65 — *Santa Maria na História e na Tradição Portuguesa*. União Gráfica, Lisboa 1967. Trabalho inserto, em primeira redacção, na obra colectiva «Fátima Altar do Mundo» (tomo I, 33-144, com gravuras; Porto, 1953); em síntese, na obra «A Virgem e Portugal», dirigida por Fernando de Castro Pires de Lima, Edições Ouro, Porto.
- 66 — *Ovar na Idade Média*. Edição da Câmara Municipal de Ovar, 1967. Aproveitou, em parte, o trabalho mencionado no n.º 5.

LUSITANIA SACRA — Revista do Centro de Estudos de História Eclesiástica. Tomos I a VII, Lisboa 1956-1966; direcção e colaboração.

«GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA»; colaboração em todos os volumes (I a XL) com milhares de artigos não assinados, entre os quais:

- Cristo*, ou *Jesus Cristo*, vol. VIII, 93-97.  
*Maria*, Mãe de Jesus, vol. XVI, 299-309.  
*Talábriga*, vol. XXX, 568-569.  
*Válega*, vol. XXXIII, 856-859.

Colaboração nas Enciclopédias alemãs:

«LEXIKON DER MARIENKUNDEN» — *santuários marianos portugueses* — e «LEXIKON FÜR THEOLOGIE UND KIRCHE» — *Portugal, Dioceses portuguesas*, etc.

Artigos dispersos de crítica e divulgação, nas «Novidades» e em publicações regionais.

*P. Avelino de Jesus da Costa*